

CALVÁRIO

A macieira

CRESCEU e tornou-se adulta. O pomar, onde ela foi plantada, encontra-se repleto de irmãs que igualmente foram crescendo. Este ano a macieira floriu como nunca, abundantemente. Com a brisa do vento caíram as flores e os frutos surgiram amontoados nos ramos que pendem, por vezes, a tocar o solo.

Hoje, ao passar junto dela, vejo-a tombada com parte das raízes fora da terra. O peso dos frutos provocou a queda. Com a ajuda do nosso tractor vamos levantá-la e esperar que os frutos ainda vinguem.

Fiquei triste mas pensativo. A macieira deu-se até ao extremo das suas capacidades e caíu exausta. Neste seu cair por terra mostrou o que é a doação total, mesmo com o risco duma queda.

Dar-se até tombar é raro entre os homens. Mas Cristo fê-lo, dando-Se totalmente pelos homens. E pediu e pede que outros saibam dar-se também a Seu exemplo.

Na Igreja dos nossos dias, porém, o modelo raramente tem cópias. No entanto, Cristo desejou-as e deseja-as ainda em formatos diferentes, é certo, mas deseja-as.

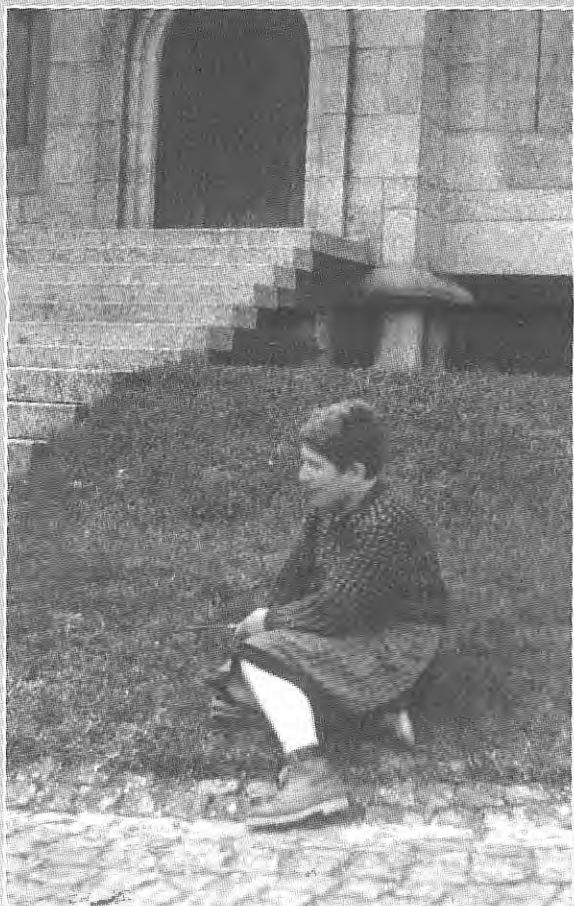
«Dei-vos o exemplo, para que como Eu fiz façais vós também». Este é o apelo essencial do Evangelho. É a meta que Cristo traçou para quem pretende ser Seu verdadeiro discípulo.

Os homens do nosso tempo, calculistas, não querem correr riscos e, por isso, caminham com cautela e pouca audácia na dádiva de si próprios. Por vezes, transformam em metáfora aquilo que no Evangelho é linear.

A macieira foi mais generosa do que a maioria dos homens.

Gostava de tombar um dia como ela.

Padre Baptista



NÃO sei quem foi o baptizador nem de onde a inspiração do nome, mas Nunos temos vários e até outro Nuno Filipe; «Frinchas», só este.

Completo treze anos no dia da Solenidade da Assunção de Nossa Senhora e veio fazer aqui os oito anos. Veio da Praia da Barra onde, então, a mãe morava por cedência provisória de uma casa; veio a pedido dela. O nosso primeiro contacto foi por sua carta de 23/06/97 — carta transparente, breve porque fixada no essencial da sua situação de que partilhavam os filhos, o Nuno e o Gonçalo de um ano e sete meses, a qual terminava assim: «Por todos estes motivos venho junto da Casa do Gaiato pedir para que aceite o meu filho Nuno Filipe em voça família de modo a ele ter a possibilidade de um dia ser alguém na vida».

Impressionado pela discrição e também pela sinceridade que emanava deste pedido de ajuda «de todo o coração», logo procurei confirmar a autenticidade do exposto; e dei luz verde em 10/07.

No dia 16 seguinte, em carta que não era do seu punho, mas que assinava, ela dizia-se «muito alegre e feliz

Nuno Filipe

por aceitarem o meu filho aí na Casa do Gaiato e dou a minha palavra que não me intrometerei na educação do Nuno, que ficará inteiramente à responsabilidade da Vossa Casa, na qual eu confio plena e seguramente». E veio cá trazê-lo doze dias após.

O «Frinchas» é um rapaz bem disposto, simpático e prestável, mas muito carente de afecto, que de tudo se servia para chamar a atenção sobre si-mesmo. Já assim era na Praia da Barra — que o diga a senhora da Farmácia onde ele era conviva constante! Adaptou-se, pois, sem qualquer dificuldade e com todos tinha um relacionamento espontâneo e bom.

Vindo de um ano de ausência escolar, frequentou a primeira-idade no ano lectivo de 1997/98, sem sucesso. Depois, com o apoio do Centro Médico e Pedagógico de Paredes (onde ele e outros iam, e continuam a ir, semanalmente); e, sobretudo, com o seu próprio esforço — foi evoluindo com modesto mas suficiente aproveita-

mento e vai encetar no próximo Setembro a quarta-idade. Vai em Aveiro onde ele mora desde há um mês.

A mãe foi assídua nas visitas, sempre discretas, sempre fiéis à palavra dada de respeitar os nossos critérios de educação, que cumpriu até ao fim. O miúdo ficava contente com a presença dela, mas nunca perturbado. Foi uma colaboração inteligente, gémea do amor verdadeiro que quer o melhor para o amado, mesmo com sacrifício próprio. Quem dera fosse esta a regra!..., mas não é. Os afectos da vulgaridade provêm de um sentimentalismo superficial e egoísta que esbate e ignora os valores mais importantes para o outro.

Há vários meses, na ocasião de uma visita, a mãe do «Frinchas» deixou-me uma carta, para pensar: «Vão fazer cinco anos que tive de renunciar ao Nuno, pensando que, face às condições de vida que eu tinha na altura, era

Continua na página 3

PRATICANDO O BEM

Loucura!...

TORNA-SE cada vez mais complicado o problema da criança desamparada.

Segundo a Lei compete ao Estado a sua tutela e a mais ninguém.

À primeira vista, parece que tudo estaria certo.

É dever do Estado exercer essa função e desempenhá-la bem. Mas se a executa mal, e quando o faz, estraga tudo e ninguém lhe pode ir à mão.

A Igreja Católica, na sua missão maternal e familiar, aparece para suprir as deficiências da comunidade e do Estado e fá-lo no cumprimento do seu mandato e na legitimidade de amar todos os homens, sobretudo os mais caídos, como é o caso da Obra da Rua. Amar gratuitamente, não para fazer política, nem apologética, mas com pureza e com dor.

A Obra tem, no decurso de longas décadas, com experiência e conhecimentos adquiridos, a confirmação de que o melhor meio, para fazer homens, dos rapazes da rua, é utilizar a pedagogia evangélica do Padre Américo: — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Eles a serem os seus construtores! Naturalmente guiados e amparados.

O Estado tem os seus padrões definidos, as suas convicções feitas em gabinetes e tantas vezes importadas do estrangeiro, na convicção generalizada de

que o que é de fora é melhor, a sua técnica, a sua filosofia e as suas leis.

A Obra faz, só por amor, um serviço gratuito ao Estado, movida por Deus presente em cada criança abandonada, sem qualquer exigência.

Com esta acção desenvolve ainda no interior de muitas pessoas gestos de entrega de toda a ordem, algumas até à doação completa da vida inteira.

O Estado, com as suas leis cegas, por vezes, nada tem em conta.

Se, com as leis na mão, aparece o homem consciente e amadurecido, de bom coração, conhecedor do trabalho da Obra tudo se resolve com justiça, mas, se, pelo contrário, surge um imaturo, um legalista, um anticlerical, então, está tudo perdido. A tirania da Lei sobrepõe-se à natureza, às consciências e à verdade dos factos. É um desastre, ou como agora se diz uma disfunção.

E que havemos de fazer? Com que armas lutar?

Continua na página 4

ENCONTROS EM LISBOA

Juros bonificados

ÀS vezes, o mundo dá voltas que, aparentemente, não são compreendidas pelo comum dos mortais. Sempre tive para mim, que a democracia devia ser transparente, de tal maneira que os cidadãos tivessem conhecimento das decisões que se estão a tomar e como essas decisões afectam as suas vidas. Acontece, porém, que, cada vez mais, o poder de decisão se afasta da vida das pessoas. Estas limitam-se a sofrer as consequências de forma mais ou menos silenciosa, apesar de, interiormente, pensarem que algo está errado. As leis, na sua formulação, tornam-se incompreensíveis e, muito mais incompreensíveis são as motivações das leis. Talvez poderes ocultos que acabam por ser «gato escondido com rabo de fora».

Volto a um assunto que deixou alguns dos meus miúdos com os seus sonhos de terem casa completamente desfeitos. Acabaram os juros bonificados para compra de casa. Ontem mesmo, um deles, conversando ao fim do dia, perguntou-me: «Então o que nos resta agora é mesmo só alugar uma casa?» Outro, que se dá ao luxo já exigente de estar

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CASAS PARA POBRES — Na medida do possível temos ajudado a reconstrução da casa duma viúva que não tinha capacidade de pôr a moradia em ordem.

A mãe tem, ainda, seis filhos. Obrigou-nos a aumentar a área habitável. Estamos, agora, num tempo de recessão. Melhor diríamos de desemprego.

Nós sabemos o quanto custa dar a mão a esta gente para que vivam dignamente...

PARTILHA — Com votos de boa saúde para todos, «uma pequena ajuda para a vossa Conferência, referente ao mês de Agosto», 150 euros, pela mão da assinante 14493.

Vinte e cinco euros, por cheque, duma leitora residente na Rua de Areia, Vila do Conde, para ajuda de medicamentos dos mais necessitados.

Assinante 57770, de Figueira de Castelo Rodrigo, disse: «Já em tempo dizia a Padre Telmo, de Malanje, com o coração nas mãos, que se tivesse outra idade gostaria de trabalhar convosco».

«Com o mesmo amor de sempre», 470 euros da assinante 31104, de Lisboa.

Cem euros, da assinante 11856, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

BATATA — A colheita da batata já terminou. Correu tudo bem. Logo a seguir semeámos o milho, que já está grande. Esperamos que cresça um pouco mais para, depois, ser ensilado para as vaquinhas.

HORTA — Já temos pepinos, tomates e outros produtos alimentares, pois, estes alimentos frescos e saborosos enriquecerão as nossas refeições.

CARAS NOVAS — Vieram para nossa Casa dois rapazes: o Emanuel de Timor, e o Bruno de São Pedro do Sul. Sejam bem vindos. Esperamos que gostem de estar connosco.

VACARIA — As nossas vacas dão cada vez mais leite. Nasceram uns bezerros ajuda-

dos pelo Diogo, «Gordinho» e o Joel. São bonitos.

PRAIA — Terminou o segundo turno. Tudo correu bem. Tivemos como chefes o António e o Rogério; e foi nossa acompanhante a Adelaide. Foi o máximo! Esperamos que para o ano tenhamos outras férias assim.

«Russo»

MIRANDA DO CORVO

CAMPOS DE FÉRIAS

— Para além de termos estado na Praia de Mira, alguns dos nossos rapazes participaram em dois campos de férias. Uns, estiveram no campo de férias organizado pela Associação de Jovens da Cáritas Diocesana de Coimbra, em Quiaios — Figueira da Foz. Outros, estiveram noutro realizado em Madeirã — Oleiros, orientado pelo Secretariado Diocesano da Juventude de Castelo Branco.

Este último campo realizou-se do dia 19 ao dia 25 de Agosto. Esteve um grande grupo dos mais pequeninos que foram muito bem acolhidos. Os animadores e o Padre Victor gostaram muito que os nossos rapazes lá estivessem, mas nós também gostámos muito... se fosse possível e por nós, ficávamos lá mais uma semana! Mas já que não pode ser, gostaríamos de lá voltar nos próximos anos. Aquilo foi tudo muito belo! Fizemos jogos, brincámos... etc. No primeiro dia fomos às piscinas fluviais, aos Bombeiros e à Igreja de Oleiros. No fim desse dia voltámos para Madeirã. Nos outros dias fomos ao rio. O último dia foi o mais triste, não só para nós mas, também, para eles porque foi a despedida.

Quando nos despedimos todos nós chorámos e ficámos tristes, com muitas saudades destes belos dias. Ficamos muito agradecidos a quem pensou em nós.

Mário, «Becas»

TOJAL

PRAIA — Para o segundo grupo as férias já acabaram, começando, assim, para o terceiro. Todos gostaram das férias, lamentam por terem



Casamento do «Vinho» e da Sónia.

RETALHOS DE VIDA

Xerife

Eu sou o António Filipe da Silva Tavares. Nasci no dia 11 do mês de Abril, no ano de 1992 em Paranhos, Porto. Já vim há muito tempo para a Casa do Gaiato.

Antes de vir para cá morava com o meu pai, a minha tia e o meu tio. Viviam numa barraca. O meu pai não fazia nada. Eu passava os meus dias no infantário e, à tarde, ia buscar-me.

Agora, ando na terceira-classe, gosto de andar na Escola. Gosto da Língua Portuguesa e de ler histórias e faço sempre os meus deveres. De vez em quando passeamos com os professores.

De tarde, apanho papéis. Depois da merenda vou para o estudo.

De noite, rezamos o Terço, jantamos e depois vou brincar. Às nove horas vamos para a cama.

Quando for grande quero ser enfermeiro porque gosto de tratar das pessoas.

António Filipe



Quando nos despedimos todos nós chorámos e ficámos tristes, com muitas saudades destes belos dias. Ficamos muito agradecidos a quem pensou em nós.

sido tão poucas, ao mesmo tempo agradecem por terem estes poucos dias, pois, nem todas as crianças os têm.

AMIGOS — Temos connosco um grupo de jovens de vários pontos do País, que se disponibilizou a dar a mão. É um grupo muito trabalhador e bastante simpático constituído por João Pedro de Lamego, Luís, Marta e Sofia de Lisboa, Noele da Madeira, e Isabel do Porto. Foi uma maravilha estarmos com eles.

As portas continuam abertas, por isso esperamos que tenham gostado de estar connosco e daqui para a frente se lembrem do pessoal muito mais vezes. Agradecemos, desde já, o carinho e a vontade que contribuíram para os nossos «Batatinhas», a todos o nosso muito obrigado.

AGRADECIMENTO — Nesta altura do ano nem sempre temos legumes suficientes da nossa produção. Muitas vezes, temos tido hortaliças porque, no meio de tudo, houve pessoas anónimas que nos têm abastecido. A todos estes Amigos o nosso muito obrigado por nos terem ajudado.

A cor

Vermelho sangue
Em cada segundo
Há sempre
Alguém perdido

Derramando seu sangue
Procurando a razão
Encontrar o porquê
Existe tanta corrupção

Procura-se paz
Perdem-se vidas
Porque ninguém é capaz
De tomar medidas.

Abílio Pequeno

ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

ENCONTRO — Como vem sendo hábito e porque há interessados, ou porque não puderam estar no Encontro de Julho ou, até, porque gostam dos dois, informamos que vamos estar, novamente, na Senhora da Piedade, no dia 15 de Setembro, apenas para passarmos o dia em fraterno convívio de camaradagem; para o que já conseguimos a devida autorização da Comissão de Festas daquele espaço.

Já sabes que, nesse dia, todos os comes e bebes são da responsabilidade de cada um, havendo, ainda, a possibilidade de se utilizarem os assadores lá existentes, para quem a isso estiver disposto. Portanto, a partir das nove horas lá estaremos, no dia indicado.

Aproveitamos para informar, como havíamos dado conhecimento anteriormente, que já recebemos da Fábrica de Alumínios Suprema, de Vila Nova de Gaia, a louça prometida que muito jeito nos vai dar para os Encontros futuros, a quem, mais uma vez, agradecemos.

No entanto, em conversa com o nosso Padre João e falando do assunto, foi-nos dito que na casa da Praia de Mira, onde os gaiatos de Miranda do Corvo passam férias e, por vezes, a casa é emprestada para Organizações carentes, sobretudo para Lares de Terceira Idade ou de Deficientes, é ali utilizada para as refeições, louça de plástico. Ora, sem termos nada contra os senhores fabricantes deste material, achamos que para uso constante e em especial para comer todos os dias e em anos seguidos, não nos parece muito saudável.

Neste sentido, apelamos aos nossos Amigos fabricantes ou não de louça doméstica de alumínio ou inox, se não será possível uma ofertazinha para os gaiatos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo utilizarem na praia, em turnos de cerca de cinquenta pessoas, mesmo que não seja material de primeira qualidade. Aguardamos a bem dos nossos irmãos mais novos.

Manuel dos Santos Machado

SETÚBAL

ESCOLA — Estamos a preparar o próximo ano. Temos feito fichas de Língua Portuguesa e de Matemática para nos recordarmos das matérias escolares. É preciso fazermos um grande esforço porque já não estávamos habituados a estudar.

BRINCADEIRAS — No tempo de férias fizemos muitas. O que eu mais gostava de

fazer era jogar às escondidas — ao camone. Quase todos os rapazes preferem jogar a bola, eu também gosto muito. Outro jogo que fazíamos, a seguir ao almoço, era às apanhadas: o que for apanhado tem que ir apanhar outro.

SILAGEM — Estamos no tempo de a fazer. O Fernando, o Amândio e o João Correia, andam com os tractores a cortar e a transportar o milho, que deitam para os silos. O Amílcar, o «Manobras», o Jaime e o «Barroso», espalham a silagem e juntam-lhes sal. Tudo bem acamado pelo tractor, dará um bom alimento para as nossas vacas e bois.

OBRAS — O chão das casas dois e três foram envernizados. Também se pintaram as paredes. Agora será mais fácil, para os do grupo da limpeza, fazerem a sua obrigação.

PRAIA — Terminaram as férias. Foi bom termos estado na nossa casa da Arrábida porque tomamos banhos no mar do Portinho e nos Pilotos, comemos gelados e fizemos vários jogos. Para além das obrigações, tivemos muito tempo livre por nossa conta.

Daniilo Vezo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Estamos em período de férias. Para muitas famílias esta regalia não conta porque, infelizmente, a sua vida não o permite. Há Pobres que o são há muitos anos; mas, infelizmente, a pobreza maior é aquela em que o ser humano não sabe controlar os seus vícios. Salvo raras excepções, há Pobres que o são sem possibilidade de mudar a sua vida. Estamos a falar dos mais velhos, que vivem da sua miserável reforma, e, no entanto, pagam tudo ao mesmo preço dos que vivem bem. É uma injustiça! Fala-se tanto em ajudar os mais Pobres, mas ainda não foram criadas condições para acudir a estes casos.

Os pobres a quem prestamos apoio, neste momento, por vezes, temos dificuldade em entender como os filhos e netos, que vivem à sua volta, não lutam para terem uma vida melhor, é nestes casos que tentamos ter o máximo cuidado para que os mais velhos e as crianças não sirvam de isco para os seus vícios. Os donativos que recebem são, quase sempre, dados em géneros alimentares, e só damos dinheiro àqueles que entendemos que o sabem usar. Cada caso é um caso e cada confrade age com os seus pobres de acordo com as suas necessidades.

Queremos agradecer a uma

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 62.500 exemplares.

TRIBUNA DE COIMBRA

Se quiseres voltar a porta está aberta

J. P., foi num final de tarde do mês de Março que numa velha Peugeot, chegastes a esta Casa do Gaiato. Tu, e os teus outros três irmãos. Ao teu colo vinha o mais pequenino que então tinha dezoito meses. Mais tarde, ainda fomos buscar outro, o mais novo de todos.

Tinhas uns cabelos longos e desalinados; um ar tímido e meigo. Guardaste sempre, como o mais velho que eras, no teu coração

o sofrimento do «ninho» perdido e, por muito tempo, qualquer evocação da tua infância tinha como resposta um pranto incontido.

Acolhido, aqui, com o carinho possível cresceste dos dez aos vinte anos. Na CEC de Coimbra, eras conhecido pelo «mano grande», pois toda a gente amiga daquela instituição de ensino achava imensa graça por teres tantos irmãos na Casa do Gaiato.

Depois, fizeste o nono ano e rumaste até ao José Falcão com ideia de poderes, um dia, ter um curso. Gostavas de ser advogado. Disseste-o por lá... Eram, contudo, notórias as tuas dificuldades. Em compensação, advinhava-se o teu enorme esforço e organização, apreciados, aliás, por todos. Fizeste parte de uma turma de filhos de gente da «alta» que te acarinhou e para quem nunca foste um «coitadinho», mas uma grande oportunidade de exaltar a verdadeira solidariedade entre os homens. Estiveste à altura e soubeste elevar.

Não conseguiste terminar — vencer o 12.º ano. O desânimo espreitou-te, já andava por

perto a tua mãe que esteve ausente em quase todo este período longo da tua vida. Não suportaste. Ela veio «por ti» e tu foste para ela... Não te condeno pois muitas vezes aqui tenho dito e escrito o que toda a gente sabe: depois das crianças — que são o melhor do mundo — estão as mães...

Foi pena deixares os teus outros quatro irmãos que viam em ti o «mano grande». Iriam precisar muito da tua ajuda e do teu carinho. Que pena ninguém te ter chamado à atenção para isso — nem a tua própria mãe...! Paciência. Sem ti por perto não deixaremos de lhes dar a ajuda possível, como a demos a ti quando eras pequenino e dela precisaste.

O que desejamos todos é que encontres a felicidade a que tens direito e pela qual agora vais lutar mais entregue a ti próprio. O Pai Américo dizia e nós com ele também: «Nós somos a porta aberta...» Portanto, se quiseres voltar, a porta está aberta.

Padre João

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

atento às notícias informou: «Parece que vão dar ajudas para os jovens alugarem casa». O primeiro retorquiu: «Está bem, mas a casa nunca será nossa e assim o governo não nos está a ajudar a nós mas, sim, aos que têm casa e até têm casas para alugar».

Dizem-me que terminaram os juros bonificados para compra de casa porque havia muitos abusos de gente que não precisava nem estava nas devidas condições para esse tipo de benefício. É verdade que o abuso faz parte do ser humano e é verdade também que é exigência social tentar corrigir os abusos, não deitando fora o que é bom só por haver abusadores. Uma das coisas com que me deparo, quase todos os dias, é ver, no nosso largo, miúdos a jogar a bola onde não devem

jogar. Por haver alguns abusadores vamos acabar com as bolas ou com o poderem jogar a bola? Temos é que os ajudar a perceber o errado da situação, utilizando os mecanismos diversos que estão ao nosso alcance e, pouco a pouco, os abusadores serão os nossos aliados quando perceberem e interiorizaram as razões.

Dizem também que a nova política tem como finalidade animar o mercado do arrendamento. Não tenho nada contra tal animação. Acontece que o alcance social de tal medida é totalmente diferente do alcance social dos juros bonificados para compra de casa.

Do ponto de vista antropológico, todo o homem necessita do «seu» espaço, do «seu» ninho, do «seu» lugar a partir do qual possa desenvolver os seus sonhos, capacidades e participações na vida colectiva.

Quem nunca teve nada sonha ter esse «seu» espaço. Para o bom equilíbrio humano torna-se urgente que cada sociedade possa dar a todos essa possibilidade. Naturalmente que os jovens são aqueles que mais sonham e os jovens pobres agarram as possibilidades quando estas lhes aparecem. O que não está certo é que sejam aqueles que foram eleitos para defender o bem comum, comecem por tomar posições desmotivadoras para esses jovens, negando-lhes um direito que deveria ser cada vez mais acessível a um maior número.

Temos esperança que a justiça social não seja só pregada, mas, através de medidas concretas, se torne uma realidade viva e palpável. A economia está ao serviço do homem... Isso vê-se na prática social, não na quantidade de cifras...

Padre Manuel Cristóvão

Amiga e leitora a oferta da cama para as gémeas. Agora, já dormem cada uma em sua caminha. Os pais ficaram radiantes.

«Quem não for pobre de algum modo pode entrar em diálogo com os Pobres. Sentilo é uma das graças mais profundas que pode receber o 'visitador dos Pobres'».

O espírito de pobreza é, primeiro do que tudo, de partilha. O espírito de partilha exprime-se em partilhar alguma coisa. Um dá o seu tempo e pratica a virtude da disponibilidade;

outro, dá o seu dinheiro; este dá o seu saber; aquele gasta a sua saúde; outro, ainda, oferece o conforto moral que irradia da sua pessoa... Todo o cristão, mesmo o mais indigente, pode, sem heroísmo excepcional, partilhar em tais partilhas, em tais permutas e, à medida que o faz, aprende, a pouco e pouco e livremente, a 'dar-se a si mesmo', no sentido que lhe é revelado pelas graças pessoais que recebe. A 'partilha' não é o mesmo que a dádiva ou a esmola, visto não existir sem reciprocidade a permuta».

Este texto faz parte da Regra da SSVP, e é com ela que todos os vicentinos devem trabalhar.

O nosso querido Pai Américo dizia e escreveu no livro O BARREDO:

«Está-se tornando elemento indispensável, a existência em todas as nossas Casas de Conferências de São Vicente de Paulo. Elas são, sem dúvida alguma, o verdadeiro cristianismo. Cristo deu-Se e morreu pela Humanidade, os confrades dão-se e vivem integralmente o Primeiro Mandamento».

Dizia que as Conferências de São Vicente de Paulo, são elemento indispensável na nossa formação de verdadeiros cristãos. E é assim mesmo. Porquê? Só quem é vicentino poderá responder, e, quantas vezes inexplicavelmente, pelas lições que se aprendem no contacto directo com a miséria social, a que nós já, infelizmente, pertencemos e agora melhor a sabemos compreender.»

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Amiga Francelina com o seu cheque. Assinante 22801, o seu donativo. Assinante 9217, sessenta euros. Assinante 6313, da Régua, cá recebemos a sua oferta. Amiga Margarida Rodrigues, oferta para os irmãos mais carenciados. Amiga, de Fiães, a sua habitual oferta. Amiga Dolores Celso, dez euros.

Desejamos a todos saúde e paz, e que o amor da partilha esteja presente nos vossos corações.

Casal Félix

Nuno Filipe

Continuação da página 1

a melhor solução para o meu filho. Passado este tempo todo a minha vida sofreu várias mudanças. (...) Há cerca de três anos estabilizei uma relação com o meu actual companheiro com que vou casar brevemente, tendo nascido uma filha dessa relação. (...) Estou por isso à disposição do Sr. Padre para lhe dar todos os elementos de que necessite para o Nuno voltar à sua família de origem. Agradecendo do fundo do coração tudo o que têm feito por ele, fico a aguardar uma resposta».

Em 12 de Maio passado, ela veio pela resposta. Apresentou-me o companheiro e falámos os três. Chamei-lhes a atenção para o risco que a presença do Nuno poderia trazer à paz do casal, já vinculado por uma filha dos dois e pelo forçado, só dela, mas que ele acompanhou desde bebé. Estávamos no final de um ano escolar e seria inconveniente para o pequeno qualquer mudança. Eu estava em vésperas de partir para Moçambique. Combinámos deixar a consumação do que ficou quase decidido para o meu regresso. Assim foi. O «Frinchas» terminou a Escola e foi para a praia. Eu voltei em meados de Julho. E no dia 25, eles vieram por ele e trouxeram-me o Boletim de Casamento ao qual o Marido quis juntar esta declaração de compromisso:

«Cumpre-me informar o Sr. Padre que assim como a ida do Nuno para a Casa do Gaiato teve a minha intervenção numa altura em que a minha relação com a mãe ainda não se tinha aprofundado, o regresso dele ao convívio dos seus, por desejo da mãe, tem a minha total cumplicidade. Como tal uso esta carta para me comprometer em absoluto, perante Vós, a educar o Nuno e a integrá-lo num ambiente familiar saudável, enquanto tiver saúde e capacidade para tal.»

Eis um fim feliz que, infelizmente muito raro — mesmo muito raramente! — acontece. Em cinquenta anos nesta vida, conto pelos dedos experiências desta sorte.

Chegou-se a ele sem intervenção da Autoridade nem nenhuma decisão autoritária. O diálogo, no res-

peito mútuo, serve para alguma coisa!

Quem dera muitos casos como o do «Frinchas» — exactamente na forma do dele: uma grande lição de civilidade!

Deixa-nos saudades, tranquilas, o garotão meigo e irrequieto. Mas qualquer dia vou vê-lo e comer com eles o almocinho que ficou prometido.

Padre Carlos

DOCTRINA

Panorama social



ÀS portas do Lar, em Coimbra, fui dar com um grupo de crianças esfarrapadas, à roda de uma mulher da mesma sorte.

— Fiquei viúva com nove filhos!

Eles estão ali todos. Trata-se de uma família da Pampilhosa da Serra, fugida do desamparo das nossas aldeias.

— Quer ir para a sua terra?

— Oh meu senhor; lá não há ninguém que tenha pena!

Passa ali casualmente, o Professor Elísio de Moura, com uma das suas pupilas pela mão. Pára. Escuta. Toma uma do grupo. Eu faço o mesmo a um. A viúva agradece e lá vai desnortada, com os sete pela mão, a pregar ao Mundo o nosso desmazelo, o nosso atraso, a nossa sostrice, ali mesmo nas barbas da sala dos Capelos onde os doutores sublimes têm seus cadeirais para fazer discursos. Tão pobre que nem camisa tinha, ela revelara de quanto houvera rezado e chorado, ao entrar naquela manhã, as portas de Coimbra; e é muito possível que ainda hoje continue errante por outras terras, a dormir com os filhos nos beirais, que os homens de agora, por muito civilizados, esqueceram-se de que somos todos membros de um mesmo Corpo — Jesus Cristo.

CHORA e reza, a viúva de Pampilhosa da Serra! Talvez tenha sido pastora em pequenina, tanto o amor que ora mostra pelo rebanho que traz. Se tens alguma camisa a mais ou pano de que a possa fazer, manda para a Redacção d'O GAIATO. Quem sabe se ela dá volta e regressa ao mesmo sítio, mostrar o sangue das feridas — que ele é mais fácil fazê-las do que curá-las!
Eu fico de mãos postas à tua espera.

D. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)



Bruna Liliana, filha do Alexandre («Picapau»), fez dois anos em 31/08/2002.

BENGUELA

Registo gratuito das crianças

O registo gratuito das crianças continua. Chegou a hora de entrarmos, mais directamente, na dita campanha. Preparámos, há muitos meses, uma longa lista de crianças a registar. Até hoje não foi possível. Metemo-nos a caminho e fomos direitinhos à fonte. Ouvimos as razões. Foi-nos dito que os funcionários são poucos para o trabalho a fazer. Solução? Quatro elementos da nossa Casa, depois de um curto período experimental, tomarão a cuidado a tarefa do registo.

Gostei da decisão. Primeiro, porque cumpro-me, deste modo, um acto de justiça para com as crianças que têm direito. Depois, é a nossa contribuição mais directa num serviço social de alcance muito grande. À medida que o prazo se vai esgotando, há urgência em dar as mãos para que as crianças não fiquem sem o seu registo gratuito.

Tenho escutado, nos meios de comunicação social, que é necessária a presença dos pais neste acto. Como princípio está certo e, oxalá, esta exigência seja levada por diante, tanto quanto for possível. É uma achega na luta contra a irresponsabilidade dos pais, sobretudo do pai, em assumir os seus deveres para com os filhos. Os pais desconhecidos não deviam existir. É certo que, pelo facto de dar o seu nome no registo, não signifique que se comporte sempre como o grande responsável pela criação e educação dos filhos, juntamente com a mãe. Quantos filhos têm o nome do pai na cédula, mas desconhecem-no na vida, porque foram abandonados! Trata-se de uma injustiça a que a Lei não pode nem deve ficar alheia. Algo tem sido feito no sentido da chamada a contas dos prevaricadores. Se mais não se faz é, com certeza, por causa do medo que as mulheres têm de denunciar os verdadeiros culpados.

A elevação moral de um Povo não é obra de meia dúzia de pessoas. Toda a Comunidade é chamada. Quanto mais sensível for a sociedade, em geral, a este problema concreto das crianças abandonadas, tanto mais os causadores deste mal começam a ser rejeitados. É a reacção natural do corpo social com saúde. A Pátria quer os seus filhos. A Pátria precisa de todos os seus filhos nascidos e criados no seio da família.

Admiro as mães que levam amorosamente os seus rebentos, sozinhas, porque o marido se foi. Na experiência do infantário que levamos por diante, muitas crianças nascem e crescem sem verem os pais. Vamos tentar chamá-los, onde estiverem, para o registo dos seus filhos. Descobrimos uma forma de promoção humana, à medida das mães e dos filhos.

Quem vive mergulhado

nos problemas das pessoas não resiste à pressão das necessidades básicas que as afectam. É um trabalho lento, como é próprio do crescimento. Pede, sobretudo, muita paciência que é um ramo da Caridade.

A justiça exige que os mais fortes dêem as mãos aos mais fracos. Quantas vezes acontece que a força imane da justiça nos obriga a dar os passos necessários ao encontro dos que nos procuram! Eles têm sempre razão! Se o fazemos por amor, o peso é leve. A experiência não engana. Diz que é assim.

Estamos seriamente apostados a incutir nos nossos rapazes, e em todos os que nos rodeiam, o amor ao trabalho, às letras, à verdade, à consciência recta, à vida sã. É um trabalho de promoção humana, alicerce duma sociedade com saúde.

Começámos pelo registo das crianças e chegámos aqui. O equilíbrio faz-se a partir dos primeiros momentos da vida. Obrigado, pela presença amiga dos que nos acompanham!

Padre Manuel António

DIZEM os homens de negócios que melhora os resultados e aguça o engenho dos empreendedores.

Entre nós, esta lei também vale.

Aconteceu nos nossos peditórios. Primeiro foi o «Resende» com o «Caras Lindas». Depois da Missa em que participávamos, ambos se punham à porta da igreja com os livros da nossa Editorial. Os fiéis passavam, viam e adquiriam.

Esperava vê-los juntos a oferecer os livros às pessoas. Mas não; cada qual com sua colecção, com contas separadas, a ver quem vendia mais e maior ganho obtinha.

Noutra ocasião, sucedeu o mesmo com o Carlitos e o Mário Paulo. Estes foram mais longe na disputa pelos fregueses. O Mário Paulo meteu o Sérgio, que distribuíra O GAIATO, ao barulho, para que dificultasse a venda ao Carlitos e os compradores lhe adquirissem a ele os livros. Houve que intervir e pôr ordem nesta concorrência desleal.

SETÚBAL

Concorrência saudável

No final fizeram contas e cada qual se gabou dos seus ganhos e vendas. «Eu fiz vinte e cinco contos», dizia o Carlitos, ao que o Mário Paulo contrapunha os seus valores. Contos que ainda se usam nas contas de euros enquanto não aparecer designação mais adequada.

O Sérgio não ficava para trás, e ia dizendo que poderíamos voltar àquela localidade onde, com tanta gente, poderíamos vender uma carrada de jornais num instante... Aqui não temos o malfadado desinteresse e apatia pela vida!

Se com o vil dinheiro os nossos amigos ganham amigos que os receberão nas moradas eternas, com o mesmo vil metal ganhamos nós os rapazes para

uma vida mais comprometida, no meio de muitos perigos.

Por fim, uma palavra de amizade e um bem-haja aos Párocos que nos receberam e que mostraram sentir esta Obra como sua, porque da Igreja. O abandono da criança, sem nada nem ninguém, ainda é olhado de frente na sua realidade, sem sofismas nem psicologismos, ao contrário de mentalidades que pensam curar os seus males em laboratórios de ambiente inócuo.

Fazer as coisas reais da vida, como quem brinca, como Pai Américo intuiu, ainda é o melhor método, sem que desse modo a vida se torne uma brincadeira.

Padre Júlio

Praticando o Bem

Continuação da página 1

— Nada.

Continuar a sofrer pelo bem das crianças e dos homens, na revelação contínua e persistente do amor gracioso no Deus vivo em nós e nas crianças.

Não há outra alternativa — amar e sofrer. Na certeza de que, como diz o Apóstolo: «a fraqueza de Deus é mais forte do que todos os homens»; ou ainda: «pouco me importa ser julgado por um tribunal humano... quem me julga é o Senhor!»

Somos loucos por causa de Cristo, somos fracos e desprezados. Insultam-nos e abençoamos, perseguem-nos e aguentamos; somos difamados e respondemos com doçura. Somos a escória dos homens.

Na verdade podeis ter mil

tuores em Cristo, mas não tendes muitos pais, e eu gerei-vos por meio do Evangelho, como membros de Cristo Jesus.»

A paternidade dos Padres da Rua sobre cada um dos rapazes que acolhe é ainda mais vinculativa que a do Apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto.

Fui a uma clínica terapêutica, distante daqui sessenta quilómetros, para observar um rapazinho de treze anos.

O pedido veio da Segurança Social de Penafiel, aqui ao pé da porta.

Segundo o relato da psicóloga, a dinâmica da sua situação familiar é profundamente degradante. Não podemos, nem devemos por isso recebê-lo, aqui, em Paço de Sousa.

Para arranjar entrada noutra Casa do Gaiato, mais

longe da influência deletéria dos elementos familiares, e outros, para criar a dificuldade natural da distância, dado que as Casas do Gaiato são portas abertas, precisava analisar minimamente o rapaz e conversar com ele sobre o que somos e a sua disposição em aceitar a nossa família.

Deixei tudo e todos. Perdi uma tarde. Em carro da Casa do Gaiato. Sem gastos públicos nenhuns.

Bato à porta da dita clínica. Somos recebidos por uma senhora de aspecto excelentemente tratado. Acolhe-nos numa sala com poltronas e manda-nos esperar.

Volta.

Que o nome não era bem este, que haveria confusão. Que este Hélder tem outros nomes. Entra novamente e regressa com a decisão:

— O doutor fulano diz que não pode falar com o pequeno sem autorização da Segurança Social.

Depois de me apresentar, dizer ao que vinha, nem ao menos ali diante da senhora me foi permitido falar com o menor!

Cheirou-me aquilo a negócio.

O rapaz é moeda de troca. Logo que ele saia deixam de receber.

E tudo legal.

O remédio foi vir-me embora.

Voltarei lá logo que saiba, de verdade, que posso falar com ele.

Se fosse um técnico oficial, teria direito a carro, motorista e companhia. O tempo ser-me-ia pago bem como aos meus acompanhantes. Se fizesse horas extraordinárias, como aconteceu, seria remunerado. Diante do mundo somos, na verdade, uns loucos!

Padre Acílio

PENSAMENTO

É necessário que o Mundo não pisme do que me dão... Mas, sim, que se aflija com o que me falta. É só a fome e a sede de Justiça que eu tenho, que me leva... a mostrar a minha chapa de mendigo, só isso.

PAI AMÉRICO

Malanje
Problema dos rapazes que saem

O «Batata» safu para dar uma ajuda à família. Iludido. A febre de Luanda! Deixou a família e foi. Luanda é uma Babilónia de ruas, casas, carros e gentes — onde o «Batata» mergulhou.

Milhares de jovens aí mergulham e andam pelas ruas: Uns, vendendo coisas para sobreviverem. Outros, procurando um emprego que não aparece. Alguns mais, roubando.

A saída dos campos e aglomeração nas cidades gerou um desequilíbrio entre a produção e o consumo.

Quem vai obrigar estes jovens a fazer uma mibanga para o milho e a mandioca crescerem?!

Este, também, o problema dos nossos rapazes que saem e ficam perdidos no labirinto.

A carta

VEIO ter comigo «fulano».

— Quero as cartas, «cicranos» também tiraram.

— Sabes, respondi, de todas as vezes que tenho pedido emprego para alguns, nunca me perguntaram: o rapaz tem carta? Mas, tão somente: é pedreiro, carpinteiro ou canalizador?

— Mas eu quero a carta...

A febre das cartas, grande e real ilusão do momento.

Lar em Luanda

TEM um coqueiro no quintal bem carregado de cocos; tem mais duas bananeiras e um «castanheiro da Índia» que dá sombra.

Somos nove. Dois na Universidade, quatro em Institutos médios e três que desejam aperfeiçoar-se numa carpintaria bem organizada. É este o seu desejo e promessa que lhes fiz.

Bati à porta de três empresas portuguesas: Uma, que não; outra, que espere; a terceira nem a porta abriu.

Estes rapazes querem, somente, aprender sem qualquer encargo para as empresas: «Que não».

Mando os meus rapazes para as ruas a vender guardanapos? Ou a roubar?

Não basta a razão do lucro... Somente, ele, é um pecado contra uma sociedade com tantos problemas sociais.

Padre Telmo